



TRÂNSITO RELIGIOSO E MIGRAÇÃO NORDESTINA NA CIDADE DE SÃO PAULO: pentecostalismo em foco

Edson Alencar Silvaⁱ

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
dompez@gmail.com

Isaac Vitório Correia Ferrazⁱⁱ

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
e-mail: isaacvitorio@yahoo.com.br

RESUMO

A reflexão que suscita o tema migração nordestina e trânsito religioso, na perspectiva da cidade de São Paulo, é das mais interessantes, devido à sua centralidade para se pensar as “inovações, rupturas e mudança religiosa e, portanto, a mudança social” (PIERUCCI&PRANDI, 1996, p.9) ocorridas nessa grande metrópole desde os anos de 1950. O que se propõe neste trabalho é apresentar alguns pontos de intersecção entre a migração nordestina e o fenômeno do crescimento evangélico na cidade de São Paulo. Para tanto, propomos, a partir de um olhar sociológico, analisar tais pontos com foco voltado para questões da diluição e reconstituição de laços comunitários perdidos e sedimentados pela experiência de vida moderna nas cidades via adesão ao pentecostalismo.

Palavras-chave: Trânsito religioso, migração nordestina, pentecostalismo, cidade moderna, indivíduo, comunidade.

ⁱ Mestrando em Ciências Sociais PUC-SP

ⁱⁱ Mestrando em Ciências Sociais PUC-SP



1- Introdução: Pontos de partida

O presente trabalho pretende discutir a importância do debate em torno da migração nordestina e o trânsito religioso, na cidade de São Paulo, tendo como foco a questão em torno do processo de adesão às religiões pentecostais. Com vistas a isso, o nosso intuito é justamente explorar como os laços desfeitos se realinham na dinâmica sociocultural da cidade moderna por meio das religiões pentecostais.

O tema, ora discutido, surgiu despreziosamente, a partir de algumas conversas de corredor sobre os nossos temas de pesquisa de mestrado, quais sejam: A migração nordestina; e Mercado fonográfico evangélico brasileiro, em que a questão da migração nordestina e trânsito religioso na cidade de São Paulo emergiu como um interessante e instigante problema, o qual naturalmente foi amadurecendo com o tempo a partir da bibliografia estudada em cada pesquisa. A princípio encontrávamos poucos indícios de ligação entre as nossas pesquisas individuais. Mas, com o aprofundamento das leituras, esses temas foram cada vez mais se entrelaçando. Se por um lado as temáticas não se cruzavam, devido ao recorte particular de cada uma, por outro elas se encontravam e se complementavam, isto é, se pensadas sob a luz das demandas por adaptações emergidas das necessidades dos indivíduos oriundos dos fluxos migratórios nordestinos, e isto foi o que mais nos chamou a atenção.

Passamos a verificar que esses fenômenos tinham alguns pontos de intersecção justamente nas profundas mudanças sociais que se desenrolaram no espaço social brasileiro a partir da década de 1950. Esse foi o *insight* que nos ligou aos trabalhos de Procópio Camargo (1971) e D'Épinay (1965), entre outros, que formavam a chamada escola funcionalista que apontava que essas religiões cresciam em relação estreita com o



fluxo migratório, pois ofereciam uma espécie de adaptação à vida na cidade moderna. Esses trabalhos nos levaram a outras leituras de autores como Reginaldo Prandi e Flávio Pierucci, que apresentavam um conjunto de argumentações que de certa maneira complementava as ideias partilhadas pelo conjunto dos autores supracitados. Para estes últimos, além de as religiões servirem para adaptar os recém-chegados ao meio urbano racionalizado, elas se portariam como espaços públicos de expressão popular configurando-se como estilos de vida alternativos dentro de tantos outros dispersos pela vida nas cidades. Mas, como pensar a dinâmica da migração nordestina e o trânsito religioso na atualidade, uma vez que o fluxo migratório diminuiu e, dessa maneira, não poderia ser mais apontado diretamente como fator determinante para a questão do trânsito religioso?

Esse seria o problema que nos pusemos a investigar. A nossa hipótese é de que na atualidade a relação entre migração nordestina e trânsito religioso se dá principalmente de modo indireto e não mais de maneira direta, como apontavam autores da escola funcionalista, ou seja, a adesão que ainda hoje se faz por parte de migrantes nordestinos a religiões pentecostais se dá pelo fato de esses indivíduos terem saído de um núcleo social no qual a diversidade religiosa é baixa e por adentrarem em um núcleo social em que existe uma maior diversidade religiosa. Nesse sentido, implica também dizer que essas adesões, de certa maneira, se pautam pelo fato de as religiões pentecostais estarem próximas das matrizes populares comuns a todas as religiões no campo religioso brasileiro e conseguirem articular um conjunto simbólico. Com isso, elas proporcionariam um fluxo de opções que os novos adeptos passam a acessar de maneira mais livre. Nesse sentido, para além de serem apenas meras agências de adaptação, essas religiões agiriam de modo a recompor o sentido social perdido pelos migrantes em sua trajetória para as cidades modernas.

Com vistas a enfrentar esse desafio, dividimos o resultado de nossas investigações parciais em duas partes, em que iniciaremos as nossas argumentações partindo da ideia de diluição dos laços sociais favorecida pela vida na cidade e, após isso, passaremos a explorar a ideia de realocação de sentido via religiões pentecostais, ressaltando o que elas trazem de importante para essa questão, ou seja, o seu caráter positivo.



2- O migrante e a cidade moderna

A vida na cidade moderna atraiu enormes contingentes de pessoas que se deslocaram de seus núcleos tradicionais em busca de melhores condições de emprego, moradia e desenvolvimento profissional e pessoal, ou seja, para além de conforto material vieram à busca de gozar das benesses que só a vida moderna poderia proporcionar.

Estima-se que os fluxos migratórios tenham atingido o seu auge no Brasil entre as décadas de 1950 e 1970, tendo diminuído gradativamente nas décadas seguintes (ASSUNÇÃO & FERREIRA, 2006). Vale lembrar que esse período, que coincide com o processo de modernização da sociedade brasileira, se desenvolveu a pleno vapor entre essas décadas. Uma grande parcela desse contingente se dirigiu para a cidade de São Paulo, o centro urbano que, com o maior parque industrial e em plena expansão capitalista, oferecia as melhores chances de sucesso. Porém, a realidade se mostrou mais dura do que as notícias que sopravam aos ouvidos daqueles que sonhavam em tentar a sorte em uma grande metrópole: os migrantes, ao se instalarem nessa cidade, em sua grande maioria, encontraram dificuldades imensas para se adaptarem à lógica racional e desagregadora partilhada pelo advento do meio urbano moderno.

São Paulo, enquanto cidade que mais recebeu migrantes entre todas as metrópoles brasileiras, presenciou um acréscimo populacional de grandes proporções. O crescimento foi se desenrolando sem nenhum acompanhamento estatal, sendo a população distribuída desigualmente pela cidade: os habitantes pobres relegados a regiões mais distantes do centro, enquanto a parcela mais remediada ocupando as zonas mais bem localizadas. Em decorrência disso, a cidade cresceu desordenadamente, transformando-se em uma metrópole caótica, com problemas sociais iguais ou maiores ao seu tamanho. Com o crescimento dos problemas a cidade passou a ampliar o seu cinturão periférico, habitado em grande maioria por migrantes, que constituíram uma massa de deserdados do processo de distribuição de renda da sociedade capitalista.

Não obstante, ao se instalarem nesses centros urbanos, esses indivíduos se depararam com um cenário inóspito e desagregador, do ponto de vista das interações



sociais, que não propicia aos recém-chegados elementos simbólicos que favoreçam a sociabilidade com os outros. Os seus estilos de vida são bruscamente postos de lado e passam até mesmo a ser questionados dentro da cidade.

Na chamada cidade moderna não há espaço para a vida comunitária. Os laços são rompidos e em seu lugar são erigidas formas de reclusão que encerram os indivíduos - não só migrantes – dentro dos seus núcleos familiares, impedindo-os de ver e de serem vistos. Espaços públicos proporcionados pela igreja católica, que antes propiciavam, em grande medida, esse contato por meio de missas dominicais, festas dos santos, festas beneficentes, entre outros eventos, e que contribuía, de certa forma, a tornar possível a vida em comunidade, não podem ser localizados com tanta facilidade, pois tudo isso se inviabilizou na cidade moderna, racionalizada e impessoal.

Deslocado de seu núcleo tradicional em busca de melhores condições de sobrevivência, o migrante encontra a cidade racionalizada, com sua arquitetura, seus meios de transporte, seus estilos de vida, com suas fábricas e comércio exuberantes: o cheiro de modernidade espalhado pelo ar. De fato, essa imagem encantadora, possivelmente deve ter contribuído (e deve ainda contribuir) para motivar grande número de pessoas a tentar a vida nas cidades. Fatores climáticos, econômicos e sociais, nesse sentido, certamente se avolumaram às promessas advindas da modernidade personificada no sonho da vida nas cidades. Estar nas cidades, em outras palavras, é estar dentro da modernidade, partilhar de sua vida, transcender ao passado arcaico.

A cidade que antes prometia a possibilidade de convivência com o “outro” de maneira estreita, proporcionando uma vida mais rica em termos de diversidade de estilos de vida, passou a gerar um sentimento contrário. Ora, longe de seu local de origem e de suas tradições, a adaptação desses indivíduos a outra lógica de interação não se mostra de modo fácil. Fora de suas famílias e de uma pequena rede de amizade – que provavelmente se constituía em vizinhos próximos – esses indivíduos passam a ser vistos como sendo o outro, o diferenteⁱⁱⁱ. O migrante, nesse sentido, é apontado como

ⁱⁱⁱ Mesmo tendo em vista que houve um contingente enorme originário do nordeste que se instalou majoritariamente nas periferias, isto não é o mesmo que dizer que essas localidades se configurariam em núcleos de sociabilidade comum, até mesmo porque a cultura nordestina não se condensa em um núcleo cultural único. Essa população, uma vez na metrópole, se dispersou por ela, misturando-se uns com outros.



oposto, o *outsider*, nas palavras de Elias, não podendo, desse modo, gozar do *status* social de igual. Como aponta Baumann (2009), a promessa positiva de interação social se confirmaria no seu oposto: o medo do contato com o “outro”.

A supressão do contato social certamente contribui para um relativo isolamento dessas pessoas em seus pequenos núcleos de interação. Mas não é só isso, dentro dos grandes centros urbanos prevalece o modelo de uma conduta de vida condicionada pela racionalidade. Desse modo, o indivíduo morador de uma cidade como São Paulo deve conduzir suas atitudes e seus comportamentos a partir da razão. Todos os estilos de vida que contrastem com esse modelo são postos de lado. No caso dos migrantes nordestinos, isso pode ser visto de maneira emblemática, uma vez que em sua maioria são oriundos de locais com uma sociabilidade forjada pela vida religiosa: os seus *habitus* se concretizaram de maneira oposta à realidade da cidade moderna e desencantada. Com isso, implica dizer que até mesmo aqueles indivíduos que adentraram na realidade social de uma cidade como São Paulo com alguma experiência anterior de vivência em outras cidades brasileiras carregam em si um código de visão e divisão que é particular de seu meio social de origem.

As promessas advindas da cidade moderna tendem a não poder se concretizar de maneira plena na vida dos seus habitantes. E, no caso dos migrantes nordestinos, verifica-se que há um choque entre o esperado e a realidade concreta, que cobra uma postura diferente da que se partilhava em outras realidades sociais. Porém, no limite, a cidade ofereceu o mínimo de condições suficientes para manter a maioria desses migrantes como morador permanente da capital paulistana. Mesmo de maneira precária, a sociabilidade desses indivíduos foi se constituindo no meio urbano.

É certo, em termos de possibilidades, que as estratégias para se superar a perda de sentido foram inúmeras, mas gostaríamos agora de apresentar uma dessas, que se configura no fenômeno do trânsito religioso partilhado por migrantes nordestinos na cidade de São Paulo.

3- Segura na mão de Deus e fica: as religiões pentecostais como meio de adaptação social e retorno à religião popular



Argumentamos anteriormente que a vida na cidade moderna, para um grande número de migrantes nordestinos, foi marcada pelo contraste entre a esperança de uma vida melhor e a dura realidade da metrópole paulista, ocasionando na perda de sentido de laços comunitários. Passamos agora a verificar como a adesão a outra religião transformou-se em uma forma de adaptação para muitos migrantes nordestinos e uma espécie de retorno à antiga religião que não deixou de se dar em um contínuo fluxo de re-significações (MONTERO, 1994).

A partir de seus estudos sobre as religiões presentes na cidade de São Paulo, Procopio Camargo (1971), apontou que havia religiões altamente sacrais, como a umbanda e o pentecostalismo, atuando dentro das cidades modernas e estas – mesmo aparentemente em contradição à modernidade – atuavam como uma espécie de meio facilitador para a adaptação da vida dos indivíduos desgarrados de seus núcleos sociais nas cidades modernas. Essas religiões, ao contrário do catolicismo – religião até então soberana – caracterizavam-se por dar ênfase no processo individual de acesso ao divino. Uma é do tipo tradicional, e as outras, do tipo racional.

O tipo tradicional se apresenta de tal maneira ligado à vida social que as suas normas e regras se diluem facilmente nas ações dos indivíduos. Já o tipo racionalizado se apresenta de modo tensionado, pois ao se contrapor à ordem vigente, dá um salto em consciência religiosa, justamente pelo fato de ser acessado via ruptura, ou seja, pela escolha individual. É nesse sentido que o autor, apoiado nesses dois tipos ideais weberianos, argumenta que estas últimas são religiões internalizadas, pois, mesmo sendo altamente sacrais, geram maiores possibilidades de sentido em torno da vida nas cidades modernas. Em outras palavras, são altamente críticas quanto à perda de sacralidade da igreja católica, repondo dentro da sociedade os elementos perdidos com a religião tradicional. É desta maneira que Reginaldo Prandi e Flavio Pierucci (1996, p.17) afirmam para Camargo:

A conversão religiosa nasce de uma experiência que está fora do sagrado. O indivíduo vai ao médico e este não o cura, leva uma vida pautada por tudo aquilo que acredita dele se esperar e de repente vê escorregar por entre os dedos a segurança e a certeza de poder até mesmo prover-se materialmente e à sua família, persegue objetivos comezinhos e não os alcança, sofre perdas emocionais e enfrenta-se com a morte, mas não é capaz de atinar com seu



sentido. A religião supre aquilo que o mundo profano não dá. [...] É nesse momento, quando a medicina falha, a racionalidade econômica frustra, a certeza dos propósitos rui, que as alternativas religiosas se mostram como respostas. É no momento da crise existencial que a conversão se dá, quando se manifesta a cura, quando o problema se resolve, quando a vida recupera o sentido. E a religião se repõe como conjunto de símbolos capazes não somente de redefinir o mundo, mas, sobretudo de transferir a eficácia da religião do exterior da pluralidade religiosa para o interior do próprio converso (PRANDI & PIERUCCI, 1996, p. 17).

Ou seja, o ato da conversão em si não se resumiria na experiência de acesso ao sagrado, mas sim em um ato calculado, consciente. O fiel abandonado por sua religião teria sido antes abandonado pela cidade e o seu projeto moderno. É nesse espaço aberto pela ineficácia conjunta da sua religião de origem e da racionalidade que a religião entra como resposta.

Para Prandi (1996) essa ideia de que a adesão à nova religião permitia aos que chegavam à cidade se adaptar aos novos estilos de vida é correta, porém não dá conta de responder tudo. A questão é que essas religiões fazem parte do repertório de estilos de vida da cidade, pois não haverá mais apenas um modelo de vida ou religioso a se seguir, mas muitos outros. A própria presença contraditória da religião na cidade que não precisa mais de deus atesta que ela é necessária, pois serve justamente para aquele que é deserdado e desagregado. Nesse sentido, as religiões se comportariam como núcleos de sociabilidade e espaços públicos de expressão. Para esse sociólogo a questão do trânsito religioso se configura em um mercado religioso no qual o indivíduo necessitando de ajuda recorreria a este por meio de sua própria escolha.

No entanto, a questão se apresenta de maneira mais complexa. Para Paula Montero e Ronaldo Almeida (2001, p.2) “a redução do fenômeno do trânsito religioso ao processo de mercantilização dos bens de salvação [acaba] por deixar na sombra os mecanismos particulares de re-significação das crenças religiosas”. Nesse sentido os autores acreditam que a circulação de diferentes códigos estaria fundamentada em um repositório comum às religiões populares brasileiras. Em outras palavras, os mecanismos particulares de re-significação são acessados pelo fiel de maneira a se adequar ao seu campo de visão e divisão do mundo. Tendo isso em vista, a questão do mercado se desintegra.

De fato, essa redução gera certa opacidade para se visualizar o problema do



trânsito religioso com o foco voltado para as adesões ao pentecostalismo por parte de migrantes nordestinos, pois a noção de mercado, a nosso entender, traz uma ideia de liberdade no ato do consumo. No entanto, o que se verifica é que dentre todas as possibilidades de expressão, o pentecostalismo foi sem dúvida o mais acessado por pobres residentes de cidades (MARIANO, 2004), entre esses, a maioria constituída de migrantes nordestinos, justamente por conter em si elementos simbólicos que se ligam ao “substrato cognitivo e/ou cultural comum às religiões populares brasileiras” (MONTERO, 1994).

Sintomaticamente, o trânsito religioso tornou-se comum enquanto prática social dentro das religiões pentecostais: troca-se de igreja como se muda de paróquia, pois não há ruptura significativa a ser partilhada, não há nada que impeça um indivíduo de buscar outra igreja pentecostal se aquela a que é adepto não lhe agrada no momento. Há um constante fluxo de adesões e abandonos que na realidade faz parte do processo de re-significação simbólica partilhado por esses indivíduos.

Podemos então concordar com as ideias de Camargo sobre a adesão à fé pentecostal como uma maneira de adaptar-se à vida nas cidades. No entanto, a procura por adaptação feita por migrantes nordestinos por meio das religiões pentecostais segue a tendência de buscar aquilo que lhe é mais acessível, no sentido de que essas religiões contenham um mínimo de símbolos já conhecidos. A escolha de uma religião não obedece apenas a fatores circunscritos a questões de busca racional por atingir meios objetivos, ela se dá também, em grande medida, pela adequação simbólica do indivíduo à nova fé.

4- Considerações finais

Expusemos acima a nossa primeira visão sobre o problema ao qual nos propusemos a analisar: a migração nordestina relacionada ao trânsito religioso na cidade de São Paulo, tendo como foco as adesões às religiões pentecostais.

De certo este não é um trabalho acabado, pois seria necessário, para tanto, avançarmos no debate a partir de um estudo mais acurado que pudesse compreender



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

10

a dinâmica das re-significações empiricamente. No entanto, acreditamos que as ideias aqui discutidas nos servirão como fio condutor para que possamos ir mais além e testar a nossa hipótese. Tendo isso em mente, nosso próximo passo é a busca de dados empíricos. Em parte ele já começou a se formar na medida em que passamos a ter maior contato com estudos etnográficos relacionados a nosso interesse, feitos por colegas do nosso entorno. Trabalhos esses que fornecem dados de grande importância para o problema aqui discutido. Somando-se a isso passamos a frequentar igrejas pentecostais de bairro que estão nos trazendo mais clareza sobre o problema aqui discutido. Será nelas que passaremos a nos centrar.



5 – Referências bibliográficas

ASSUNÇÃO, L.M e FERREIRA, R.V. **A importância da migração na interpretação do trânsito religioso.** Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

ALMEIDA, R - **A universalização do Reino de Deus**, Campinas, dissertação de mestrado, IFCH/Unicamp, 1996.

ALMEIDA, R. & MONTERO, P. **Trânsito religioso no Brasil.** SP em perspectiva, 15 (3), p. 92-101, julho-setembro, 2001.

BAUMANN, Z. **Confiança e medo na cidade**, Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2009.

MARIANO, R. Expansão **pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**, Estudos Avançados 18 (52), p. 121-138, setembro-outubro, 2004.

PRANDI, R. PIERUCCI, F. **A realidade das religiões no Brasil**, São Paulo, Hucitec, 1995.